XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM

TU DEVES...

#07



Escola Brasileira de Psicanálise
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

SUMÁRIO #06

TU DEVES...

SUMÁRIO

3 Editorial

4 Abertura

14 Ecos

22 Ressonâncias

41 ... conhecer a diretoria e as comissões organizadoras

EDITORIAL



Desenho: Luisa Fromer

Alessandra Sartorello Pecego
Membro EBP/AMP
Coordenadora da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP

Como já havia dito no convite que fiz ao vivo nas XIV Jornadas e nas mídias: tudo ocorreu numa contingência, num corte! Foi ali, ao final de uma mesa que se encerrava — precipitado por um tempo não tão lógico assim —, que surgiu o chamado à escrita. Imediatamente, me perguntei: para onde vocês endereçariam suas questões?

Assim nasceu o Boletim nº 7, uma publicação pós-Jornadas que brota dessa contingência e se abre à escuta dos efeitos desse trabalho na comunidade.

Trazemos aqui alguns textos escutados na Abertura. Eles decantam o percurso de coordenadores e instâncias da Seção SP, nos marcam pela precisão epistêmica e política, e apontam para uma conclusão permeada de bons encontros e agradecimentos!

A rubrica Ecos reúne quatro trabalhos de membros da NPJ ligados à Seção SP. Cada autor, a seu modo, trouxe contribuições teóricas sobre o supereu, fruto de mais de um ano de pré elaboração e coroadas nas Jornadas. Queríamos ouvir e, agora, podemos ler!

Ressonâncias, eis a rubrica tão esperada por nós! Recolhemos escritos que revelam desdobramento, variedade e enunciação — demonstrando como cada um pôde escutar o tema e se servir dele.

Agradeço a todos que aceitaram esse convite inédito e puderam ressoar!

ABERTURA

Bem-feito, supereu!



Desenho: Luisa Fromer

Veridiana Marucio
Membro EBP/AMP
Diretora Geral da Seção SP

"Não sou nem conservador, nem liberal. Prefiro ser um artista livre e nada mais, livre da violência e da mentira."

Essa formulação retoma uma carta de Tchékhov ao poeta e editor Aleksêi Pleschéiev, escrita em 1888. Médico, escritor e dramaturgo, Tchékhov, um dos mestres do teatro moderno, escreveu sobre a condição humana, seus impasses e absurdos, sobre a dor que se produz quando aqueles que se encontram apegados a seus hábitos e ilusões são confrontados com uma realidade que contradiz sua visão de mundo.

Isso soa familiar? Os Estados Unidos de hoje, quem sabe?

É assim que começa o filme O Aniversário, de Jan Komasa. Um drama familiar que, aos poucos, se transforma em uma distopia política. Nele, o fascismo aparece como uma doença que se propaga pelo organismo social, tendo a família como seu primeiro campo de infecção.

Isso soa familiar?

Estamos entre dois turnos de uma eleição extremamente difícil. Já esperávamos um clima de flashback e, ainda assim, nos surpreendemos: o que naquela ocasião parecia ruim agora parece muito pior. Nestes dias, as palavras quase não têm descanso.

Falar de psicanálise diante do que vivemos nos coloca uma questão: como permanecer na psicanálise, sem nos perdermos dela, e, ao mesmo tempo, interrogar o que nos cabe fazer como psicanalistas? Há algo a fazer além do trabalho na clínica e do que nos cabe como cidadãos?

É com esse pano de fundo que abrimos as XIV Jornadas da Seção São Paulo: Bem-feito, supereu!

Esse equívoco nos permitiu condensar as duas vertentes propostas por Miller, como apresentei na preparatória destas Jornadas: os malfeitos e os benfeitos do supereu. Entretanto, essa orientação comporta um risco: tomar essas vertentes como duas coisas separadas, cada uma ocupando seu próprio lugar. Por isso, gostaria de propor dois cuidados para nosso trabalho.

O primeiro: se parecer que estamos entificando o supereu, que soe um alerta.

O segundo: nunca dois sem três.

O que quero dizer com isso? Precisamos distinguir conceitos. Mas uma distinção pode se fechar numa oposição e nos fazer perder de vista aquilo que não cabe em nenhum dos dois lados. É preciso deixar lugar para esse terceiro termo, mesmo quando ele não está explicitado.

Hoje vemos como a polarização pode levar ao pior. Esse cuidado também vale para a maneira como lemos a clínica.

Queria retomar uma formulação de Miller[1]. Ele nos lembra que, num primeiro momento do ensino de Lacan, certos fenômenos são relacionados a rupturas da cadeia simbólica. Onde essa cadeia se rompe, surgem formas de gozo imaginário. É nesse contexto que aparece a fórmula do supereu como "figura obscena e feroz".

À luz do último ensino de Lacan, podemos considerar que essas figuras imaginárias comportam algo de real, algo que não se deixa inteiramente apreender pela imagem ou pelo significante.

Chamamos isso de fracasso do Nome-do-Pai. Mas essa expressão não significa que o pai tenha falhado, nem deve ser entendida simplesmente como a impotência de um pai. Trata-se de um limite da própria operação metafórica.

Surgem, então, figuras como a mãe devoradora, o crocodilo, os monstros e os fantasmas. A criança encontra um gozo que lhe é estranho e não sabe o que fazer com ele. O capricho pode ser uma maneira de dar forma a essa experiência, mas essa forma não esgota o que está em jogo.

Precisamos deixar esse ponto aberto. Caso contrário, ficaríamos diante de apenas duas possibilidades: ou o Nome-do-Pai funciona, ou aparecem a ferocidade, o capricho, a gulodice.

Ao comentar essa formulação de Miller, Marie-Hélène Brousse[2] acrescenta que, ali onde o simbólico falha, o que vem é o supereu. Ela encontra uma expressão histórica desse funcionamento no nazismo, o que nos leva de volta ao começo desta abertura.

1 MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana Online, nova série, ano 3, n. 7, março de 2012.

2 BROUSSE, Marie-Hélène. Les six paradigmes de la jouissance. L'imaginarisation et la significantisation. Quarto, n. 112-113, Percussion et résonance, mai. 2016, p. 10.

Brousse evoca, nesse texto, o final de "A psiquiatria inglesa e a guerra"[3]. Nessa passagem, Lacan adverte sobre a aliança entre os poderes do supereu e o abandono da consciência. Brousse articula essa advertência à força adquirida pelo bigode e pela voz de Hitler.

A voz, ela diz, é evidente.

Hitler, até então sem importância, teria sido enviado porque não havia outra pessoa disponível. Ele fala, e sua voz produz um efeito sobre o público.

Brousse nos conduz a uma conclusão: onde uma organização simbólica falha, o supereu pode se apresentar como uma voz que convoca o corpo, antes mesmo que se compreenda o que ela diz.

No Seminário 10, Lacan[4] trabalha a voz como objeto a. Não se trata apenas do som que ouvimos ou da voz que reconhecemos como nossa. Há nela uma dimensão que nos é estranha e que pode nos impelir a agir.

Pensemos no "um, dois, três e já", no trampolim, na hora de pular. A contagem nos prepara, e o "já" nos lança. Nem sempre é preciso ouvir um som: pode haver apenas esse impulso, sem que saibamos de onde vem.

Hoje, é fácil reconhecer a exigência. O supereu diz: vá à festa e goze mais que todo mundo. Há um "vá" insistente.

Mas nem todo impulso para agir é, por si só, uma patologia. Precisamos de algo que nos mova para estar na vida.

Esse "vá" me lembra o anjo de Drummond[5]:

"um anjo torto

desses que vivem na sombra

disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida."

O que se faz com uma palavra assim recebida? Ela fixa um destino? Ou pode se tornar matéria de criação?

O ideal do eu oferece uma orientação, mas, na hora de agir, precisamos também de um impulso. O problema é quando resta apenas a exigência de gozar, sem bússola. Aqui, novamente, podemos cair numa oposição: de um lado, o ideal que orienta; de outro, o supereu que empurra. Gostaria de introduzir um terceiro termo: a letra.

Em certos testemunhos de análise, acompanhamos uma transformação da presença dessa voz. É o que podemos abordar como uma passagem da voz à letra. Aquilo que se impunha como comando pode ser

3 LACAN, Jacques. A psiquiatria inglesa e a guerra (1947). In: LACAN, Jacques. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 106-126.

4 LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

5 ANDRADE, Carlos Drummond de. "Poema de sete faces". In: Alguma poesia. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

isolado como um traço sonoro. Já não precisa ter a mesma força, exigindo uma resposta. Esse traço pode encontrar outro uso.

É essa mudança que nos interessa. O que acontece quando aquilo que parecia determinar um destino pode produzir outro efeito na vida de alguém?

Um texto de Marcus André Vieira, "Sobre a regulamentação do discurso analisante", publicado no último Zadig, ajudou-me a retomar a pergunta com que comecei esta fala.

Ao discutir a regulamentação da psicanálise, ele nos convida a transmitir algo de nosso ofício que nem sempre conseguimos fazer chegar para além dos nossos espaços de trabalho.

Estamos aqui, entre nós, em um espaço de trabalho da psicanálise. Esse trabalho é fundamental para que possamos intervir para além da psicanálise, sem nos afastarmos dela. É entre nós que podemos precisar o que a clínica ensina e encontrar maneiras de fazê-la incidir em outros espaços. Como levar conosco essa força de corte ao participar dos debates e das decisões de nossa época?

Essa indicação nos concerne diretamente. Durante estas Jornadas, vamos escutar casos, discutir intervenções e acompanhar os efeitos de uma análise.

Voltamos, então, ao nosso título. O que podemos chamar de bem-feito quando se trata do supereu?

Sejam bem-vindos às XIV Jornadas da Seção São Paulo.

Camila Popadiuk
Membro EBP/AMP
Coordenadora das XIV Jornadas da EBP-SP

Bom dia! É com muita alegria que damos início às XIV Jornadas da Seção São Paulo, sob o título Bem-feito, supereu! Sejam todos muito bem-vindos! Bem-vindo, supereu! Sim, esse lapso fez irrupção mais de uma vez. E não apenas por mim! Mas, no que me cabe, e porque isso ficou ressoando em minha cabeça, me perguntei então: o que poderia querer dizer dar as boas-vindas ao supereu?

Desde o momento em que o título das Jornadas foi anunciado, ele fez barulho, trouxe muitos questionamentos e divergências e, por isso mesmo, nos colocou a trabalho. Tentativas de encontrar respostas que fizessem cessar a inquietação em torno do *bem-feito* do supereu, encontrou no *bem-vindo* um contraponto, apontando a importância de abrir novas vias de investigação, dando lugar ao que não estava previsto, ao que escapa ao saber já constituído e que, por isso mesmo, pode nos surpreender.

Esse trabalho não se encerra com o fim das Jornadas. As questões levantadas desde o início, as conversas que o tema mobilizou e as referências sobre as quais nos debruçamos mantêm aberta a possibilidade de continuarmos interrogando o que supúnhamos saber sobre o supereu.

Assim, em vez de buscar uma resposta que encerre a questão, trata-se de sustentar o trabalho que se colocou em movimento. E veremos isso na Jornada clínica, nesta tarde, nas plenárias de amanhã e nas conferências de nossa convidada Carolina Korestky. Que esse tema seja, então, bem-vindo entre nós, pois, certamente, nos permitirá avançar nas questões já suscitadas, levantar tantas outras e seguir explorando os efeitos do supereu, tanto na constituição dos sintomas que se apresentam na clínica quanto nos fenômenos da cultura.

Desde o lançamento das Jornadas, fizemos um percurso guiado por três eixos temáticos que, com acentos distintos, nos permitiram deslizar da instância superegoica ao funcionamento do supereu, passando pelas vertentes simbólica, imaginária e real. Ao longo desse percurso, o paradoxo do supereu esteve presente de cabo a rabo.

Um dos pontos que gostaria de destacar diz respeito à relação do supereu com o gozo. Em "Clínica do supereu", Miller afirma que o supereu "é a prova e o resultado de um significante único que, porque ele é sozinho, revela-se insensato".[6] Nessa perspectiva, o supereu não se limita à proibição, mas ele assume a forma de uma exigência ilimitada de satisfação, revelando-se parceiro da pulsão,[7] em sua articulação com o objeto *a*. Trata-se de uma voz imperativa que opera para além do sentido, indicando a incorporação de palavras antes mesmo de serem compreendidas e que, como restos de *lalíngua*, deixam marcas de gozo no corpo e que retornam de forma iterada.[8]

O deslocamento da vertente proibitiva do supereu, tal como formulada inicialmente por Freud, para sua face feroz evidencia-se no empuxo ao gozo, cuja exigência de satisfação engendra um movimento

6 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. *Mental*, n. 50, p. 21, 2024. (Tradução nossa).
7 ALMEIDA, P. Tu deves...gozar! A ferocidade do supereu na era dos objetos. *Boletim Tu deves...*, n. 5, p. 5, 2026.
8 BASSO, M.; OLIVEIRA, N.; SATO, S. A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo. *Boletim Tu deves...* n. 3, p. 6, 2026.

perpétuo[9]. É nesse circuito que podemos situar diferentes formas de compulsão e adição. Brousse pontuou que "a generalização do termo 'adição' é o sintoma que alcança a realização da subida do supereu, já anunciado outrora por Lacan".[10] E acrescenta: "[...] o sucesso do termo torna manifesto o triunfo deste último sobre o desejo [..].[11] Assim, longe de se apaziguar com a satisfação, a exigência superegoica relança o sujeito em uma busca insaciável e o desejo corre o risco de ficar cada vez mais submetido a esse imperativo de gozo.

Diante disso, algumas perguntas permanecem abertas: quais são as consequências quando o supereu passa a comandar a relação do sujeito com os objetos, em detrimento do desejo? Como o psicanalista pode intervir nesse circuito e operar uma separação entre os significantes mestres e os objetos mais-de-gozar,[12] introduzindo uma descontinuidade? Como se apresentam na cultura, hoje, os efeitos dessa ordem enunciada como imperativo *Goza!*, tal como Lacan apresenta o supereu em seu Seminário 20?[13]

Essas questões colocam em jogo a dimensão ética própria à psicanálise. Interrogar as manifestações do funcionamento superegoico implica também acompanhar e ler os movimentos da civilização, na medida em que as injunções do contemporâneo não apenas participam da formação dos sintomas, mas também da configuração dos laços sociais.

Nesta perspectiva, Miller enfatiza que "a psicanálise oferece uma via de recursos contra o mal-estar na civilização".[14] Ela indicação nos permite elucidar os discursos autoritários que, ao invocarem a ordem, pretendem estar acima da lei; que ao proclamarem a liberdade, exigem que o outro se submeta à sua maneira de gozar, produzindo o ódio, a segregação, a violência, a intolerância religiosa. A rigidez dessa ordem de ferro não se confunde com a lei compartilhada que sustenta uma vida democrática, na qual o exercício da liberdade de expressão, sem censura, supõe limites, dá lugar para a diversidade e permite a circulação da palavra.

Diante desses fenômenos, tão atuais, cabe à psicanálise interpretar a lógica desses discursos, buscando localizar não apenas o que eles ordenam, mas também a satisfação que eles colocam em jogo, os laços sociais que eles promovem e o lugar que reservam às diferenças.

Para concluir, agradeço à Diretoria da Seção SP pela confiança que me depositou para coordenar este trabalho. As Jornadas são uma construção coletiva, feitas de muitas vozes, diferentes ritmos, eróticas temporais das mais diversas e, também, de algumas manifestações superegoicas. É justamente essa diversidade que nos permite produzir algo de novo e avançar. Agradeço igualmente ao Conselho da Seção por ter apoiado a escolha do meu nome para essa tarefa.

Meu agradecimento a Maria do Carmo, coordenadora da Comissão de orientação, pelo rigor e pela dedicação que essa função exige. Faço um agradecimento muito especial ao Sérgio de Campos, autor de um livro exemplar sobre o supereu, ao qual recorremos com muito gosto. Meu enorme agradecimento

9 MILLER, J.-A. Jogar a partida. *Opção lacaniana*, n. 90, p. 90, 2025.

10 BROUSSE, M.-H. L´expérince des addicts ou le surmoi dans tous ses états. *Revue la Cause du désir*, n. 88, p.6. (Tradução nossa).

11 *Ibid*. (Tradução nosssa).

12 ROY, D. O supereu contemporâneo. *Curinga*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 41, p. 120, jan/jun de 2016.

13 LACAN, J. *O seminário, livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 11.

14 MILLER, J.-A. Jogar a partida. *Opção lacaniana*, n. 90, p. 16, 2025.

a Carolina Koretzky que prontamente aceitou estar aqui conosco nesses dois dias contribuindo, como veremos, para incrementar nosso banquete. Por fim, agradeço a todos os colegas envolvidos nas diferentes comissões de trabalho. Foram muitos os que se dedicaram a fazer estas Jornadas acontecerem, e gostaria que todos se sentissem contemplados neste agradecimento.

Que estas Jornadas nos permitam avançar em nossas investigações, tanto na clínica quanto na civilização. Que os trabalhos apresentados, as contribuições de Carolina Koretzky e as discussões que teremos nos ajudem a elucidar as diferentes faces do supereu e a refletir sobre os modos como a psicanálise opera diante de suas injunções. E que possamos estar abertos ao que pode nos surpreender, sem a exigência de que tudo seja esclarecido.

Ótimas Jornadas para todos nós!

Maria do Carmo Dias Batista
Membro EBP/AMP
Coordenadora da Comissão de Orientação das XIV Jornadas da EBP-SP

Bom dia!

Em nome da Comissão de Orientação e em meu próprio, saúdo a todas e todos.

Bem-vindos às XIV Jornadas da EBP-SP!

Poesia, autismo, o nunca, invenções, paranoia, a ditadura do supereu, a porca, gozo obsceno, a britadeira, melancolia, o sentimento de vida, a mãe, um desalentado, força estranha, gulodice, o que quer uma mulher? *the game*, Sísifo, o som, seja homem, estarrecidos, devastação, o caso L, nomes de mulher, neurose obsessiva, pular a cerca, as neuras do supereu, imagem, o tirano, ninguém, travar, espantalho, *sambarilove*, os males, derrapagem, brincadeira de criança, a porrada, ontem, sacrifício, a dialética.

Esse conjunto de significantes, retirado dos textos, demonstra a singularidade e a subjetividade presentes em cada um. Têm a palavra como ponto de partida e o Um-sozinho das autoras e autores como invenção demonstrada.

Foram 71 textos enviados para a Comissão de Orientação. Destes, 69 foram lidos e avaliados. Textos magníficos!

Impressionam a delicadeza e, ao mesmo tempo, a precisão no tratamento pela escrita dos casos clínicos. A comunidade (Blanchot) constituída pela EBP-SP mostrou sua face de desejo decidido e vivaz pela psicanálise.

Dos 69 textos, 39 foram escolhidos para apresentação. Talvez os mais próximos do programa e do tema das Jornadas, talvez os com maior trabalho intrínseco ao caso propriamente dito, à enunciação analisante, às intervenções do analista, sem tantas construções teóricas ou citações, textos nos quais a singularidade pôde ser tocada.

Talvez. Queríamos, em suma, a Comissão de Orientação queria apresentar quase todos.

Lembrei-me do afresco de Signorelli na catedral de Orvieto, tão caro aos psicanalistas graças à coragem de Freud[15] [1898] de escrever sobre seus lapsos, fracassos e, também, sobre a repressão ao sexo e à morte... e, certamente, sobre o supereu, se fosse 20 anos depois, na segunda tópica; por ocasião do esquecimento do nome do artista um paciente de Freud havia se suicidado por questões relativas à sexualidade.

O afresco contém, em uma concepção belíssima, estranha e caprichosa, uma variedade de anjos, demônios, terremotos, fogo, ruínas e o Anticristo[16]. Retrata o terror do fim dos tempos. Do juízo final.

15 FREUD, S. "O mecanismo psíquico do esquecimento". In: *Obras Completas*. [1893-1899]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. Vol. 3, p. 263; vol. 5, p. 16-23; 28-30; 80-81.

16 VASARI, G [1511-1574]. *Vidas dos artistas*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2ª

Há uma angústia de fim dos tempos no Brasil hoje. De fato, se avista o fim de certo paradigma de humanismo. O mal-estar chega ao paroxismo. Compete a cada sujeito e ao coletivo em torno dele, tentar converter a angústia em discurso e ação, pois há algo que gira em falso nessa angústia. Falo de nós analistas e de nosso poder de denunciar os tempos sombrios[17] (Brecht, Hanna Arendt), a destruição causada pela pulsão de morte. Denunciar o desejo de poder teocrático e imperialista presente em metade de nossa população. Denunciar o imperativo do supereu que incita ao gozo sádico. O ato analítico e a ação lacaniana são nossos instrumentos, para além de votar na próxima semana, 25/10/2026.

Agradeço à Veridiana Marucio pelo convite para coordenar a Comissão de Orientação das Jornadas e à sua Diretoria, pelo apoio constante.

Agradeço à Camila Popadiuk, coordenadora-geral das Jornadas, pelo firme direcionamento.

Agradeço aos membros da Comissão de Orientação pelo caminho traçado e pela parceria.

Agradeço à Carolina Koretsky, por vir à EBP-São Paulo falar de psicanálise e trazer a orientação do Campo Freudiano,

E... aos autores dos textos das plenárias e das simultâneas.

São eles o coração das XIV Jornadas!

tiragem, 2024, p. 410-413. (Luca Signorelli da Cortona morreu em 16/10/1523).

17 ARENDT, H. [1906-1975]. *Homens em tempos sombrios*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª reimpressão, 1999, p. 7-13.

Daniela Affonso
Membro EBP/AMP
Participante da Comissão de Orientação das XIV Jornadas da EBP-SP

Bom dia a todos!

Agradeço às minhas colegas presentes nesta Mesa de abertura da XIV Jornadas da EBP-SP, Veridiana Marucio, Diretora da EBP-SP, Camila Popadiuk, coordenadora Geral das Jornadas e Maria do Carmo Dias Batista, coordenadora da Comissão de Orientação, pelo incansável trabalho que propiciou que estivéssemos aqui hoje.

Agradeço também à nossa convidada Carolina Koretsky que nos orientará nos caminhos do supereu na obra de Freud e no ensino de Lacan e, sobretudo, na clínica da atualidade.

Lacan, em 1961, já fazia o diagnóstico do nosso tempo: para alguns, a perda da dívida simbólica os condena inevitavelmente a um destino trágico. Isso é o que precipita os sujeitos para vidas cada vez mais desprovidas de sentido, que não se ligam ao Outro. O sujeito só se sabe filho do Outro pela dívida, pelo que ele sabe que deve ao símbolo articulado ao outro, ou seja, à função paterna.

Aí está o paradoxo: se o Deus do sentido, do destino, está morto, resta apenas o não-sentido, apenas uma forma de abandono que leva à extensão do não-sentido como forma de ser no mundo. Se a desgraça, outrora, se traduzia por uma dívida a pagar, ou mesmo pelo destino, hoje só resta ao sujeito seu sacrifício a um deus obscuro, ou a uma vontade de gozar.

O supereu certamente incide aí, em sua vertente de voz obscena, tirânica e insaciável. Daí a importância do tema no qual faremos uma imersão profunda nesses dois dias.

Estas jornadas são a oportunidade de nos havermos com o vivo da clínica dos nossos dias e de podermos olhar com lupa os modos de sofrimento do nosso tempo. E, sobretudo, de nos colocarmos abertos à possibilidade de melhor alcançar em nosso horizonte a subjetividade de nossa época. Trata-se de um exercício imprescindível para nós, psicanalistas, seja na nossa clínica, seja como analistas cidadãos, que ora assistimos, com profunda preocupação, a ascensão de um ideário de cunho fascista no Brasil e no mundo.

Um excelente trabalho para todos nós!

ECOS

Cynthia Gonçalves Gindro
NPJ da EBP/AMP
Participante da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP



Desenho: Luisa Fromer

A partir do que ressoou, penso que "suar" foi uma das marcas deixadas pela conferência da Carolina Koretzky. Remeteu-me imediatamente ao texto do Lacan: "*Solo vale la pena sudar por por lo singular*"[1]. O título permite uma torção importante: não se trata de suar por qualquer coisa, nem de fazer do esforço um valor em si mesmo. Trata-se de um esforço orientado pelo que não se deixa reduzir ao universal.

Sendo a experiência analítica a experiência do singular, essa referência que nos remete à regra fundamental, Lacan, nesse texto, diz: "o que está no coração dessa regra é o sintoma"[2]. Então, como distinguir o esforço implicado na experiência analítica do imperativo de fazer cada vez mais?

Há algo de insensato, que não é regulado, do encontro com a linguagem. Miller em *Clínica y superyo*, diz que "cada um de nós está habitado por um impossível de dizer que nos faz falar"[3]. Essa lei insensata, como nos diz Koretzky, aponta para o paradoxo que nos habita da lei insensata do supereu. Essa articulação entre lei e gozo foi apresentada de diferentes formas: a lei e sua destruição, da lei e do desconhecimento dela, do imperativo do gozo, uma exigência sem medida.

1 LACAN, J. *Solo vale la pena sudar por lo singular*. Revista Lacaniana de Psicoanálisis, ano XVIII, n. 22, Grama Ediciones, dezembro de 2022.

2 Idem, p. 10-11.

3 MILLER, J.-A. *Clinica y superyo*. Coferencias Porteñas: tomo I. 1ra ed. Paidós, Buenos Aires, 2009, p. 133.

Lacan, nesse mesmo texto, vai dizer que não haveria sintoma se não fosse por essa injeção de significantes no real. E que "o sintoma é a particularidade, na medida em que nos faz, a cada um de nós, um signo, diferente sobre a relação que temos, em qualidade de *parlêtres*, com o real"[4]. É percorrendo uma série de particularidades em análise que a *bonne chance* pode emergir e o singular não seja omitido.

Trata-se daquilo que, na relação com o real, não se deixa universalizar. Por isso, talvez, vale a pena suar pelo singular: não consiste em encontrar o sentido último do sintoma, mas em permitir que o sujeito possa localizar e modificar sua relação com aquilo que nele insiste como gozo.

Os casos de autismo me fizeram pensar sobre como a "doce forçagem", proposta por Maleval, em consonância ao que Lacan propõe sobre "perturbar a defesa", pode ter efeitos nesses casos. Diante da defesa que o sujeito constrói frente ao real, uma análise pode servir para um afrouxamento. Por exemplo, estando junto montando peças de um jogo por muitas sessões, organizando números, fazendo um mesmo circuito muitas e muitas vezes, até que uma *bonne chance* surja: uma impossibilidade de ficar na instituição quando todos os pacientes vão fazer um passeio, ter faltado a peça de um jogo. Esses acontecimentos contingentes podem abrir uma possibilidade de intervenção, na qual o analista opera sobre gozo, perturbando delicadamente a defesa, acompanhando as soluções do sujeito, respeitando suas invenções e encontrando maneiras sem destruir aquilo que funciona. É preciso paciência com o tempo do real, mas vale apostar na diferença.

Nas pequenas invenções nos casos de psicose, também há um trabalho de localizar o gozo, que muitas vezes retorna como voz feroz, no retorno do gozo sem mediação. Como uma exigência do Outro extremamente excessiva, invasiva e mortífera. Encontrar, em análise, significantes e soluções para esse gozo desmedido, atemperando-o via arranjos singulares, se diferencia de fazer o gozo desaparecer por meio de uma interpretação que restabeleceria um sentido compartilhado.

Uma análise não visa eliminar o gozo, o que seria impossível, e sim, encontrar uma medida singular para aquilo que, sem nenhum tratamento, pode tornar a vida insuportável. Essa operação está no coração da experiência analítica: tratar aquilo que, na relação com o real, não encontra uma regulação universal. A operação analítica pode produzir uma mudança na relação do sujeito com o gozo. Suar pelo singular não visa eliminar o sintoma ou normalizar, mas possibilitar que cada um encontre uma solução menos mortificante. Por isso, o analista não sabe antecipadamente o que será melhor para cada sujeito. Precisa estar atento para que o mais singular possa aparecer e encontrar um lugar mais digno de existir.

4 LACAN, J., op. cit., p. 10.

Gabriela Ponte Rodrigues
NPJ da EBP/AMP
Participante da Comissão de Referências bibliográficas das XIV Jornadas da EBP-SP

Para hoje, pensei em trazer uma pílula das Jornadas "Bem-feito, supereu!", a partir de uma linda imagem construída por Carolina Koretsky da respiração: uma abertura e fechamento sem obturação, que o discurso psicanalítico pode introduzir diante daquilo que ficou congelado, petrificado, insensato.

Gostaria de adicionar a essa imagem, o que disse Paola Salinas - a hiância. Em suas palavras, "que o analista possa introduzir uma hiância para o sujeito frente aos imperativos que se acumulam da função superegóica".

No caso apresentado por Paola, ela se serve de distintos usos da voz, modulações no tom e no ritmo, para introduzir o humor e a possibilidade de uma escansão entre aquilo que não se mobilizava, para aquilo que pode - movimentar-se, fluir, respirar.

Fui ao dicionário[5], em busca da palavra hiância - tem sua origem no latim 'hiare', que significa abrir-se, estar aberto, escancarar-se, apresentar uma fenda. Desta mesma raiz etimológica deriva-se a palavra hiato, que significa: intervalo, lacuna ou interrupção na continuidade de algo.

Carolina Koretsky diz para lançar mão ao recurso do corte, pois o corte, pode operar uma descontinuidade no que se perpetua congelado, petrificado, insensato. Mas, um paradoxo se apresenta aqui: se a função superegóica, como bem localizou Veridiana Marucio, é uma instância que impõe um "vá", como distinguir a movimentação exigida pelo supereu daquela que o corte pode introduzir? Como servir-se dessa movimentação sem reconduzir o sujeito ao impasse perpétuo de seu imperativo?

Com o humor e a modulação da voz em ritmo, Paola pôde introduzir o movimento, para além do impasse superegóico do sujeito, em suas palavras, introduzindo um anteparo onde, antes, não existia. Respondemos com Carolina ainda, retomando Kant com Sade e a transfiguração da comicidade do supereu: a realidade continua atroz, mas o sujeito se recusa a entregar a sua totalidade subjetiva, denunciando assim a face rebelde e não resignada do humor.

O humor pode, então, operar uma descontinuidade na severidade infinita da exigência superegóica - com a aproximação entre a respiração e a hiância, encontramos uma brecha por onde se torna possível introduzir uma distância em relação à autoridade absoluta que o imperativo superegóico exerce.

Portanto, não se trata de fazer calar o supereu, mas de não responder inteiramente ao seu imperativo. Uma possibilidade que se abre quando a operação analítica permite que a hiância não seja imediatamente obturada, de modo que o sujeito não fique reduzido a seu imperativo apenas enquanto um impasse. Uma respiração, portanto, não como suspensão definitiva da exigência, mas como possibilidade de não lhe responder inteiramente, a cada vez.

5 Biblioteca de palavras da língua portuguesa do Brasil Disponível em https://escreva.ai/palavra/hiancia/ Acessado dia 20/10/2026

Se o supereu impõe uma movimentação incessante que pode, paradoxalmente, manter o sujeito congelado em sua posição, como pensar as incidências dessa exigência em sua articulação com o sintoma e o gozo?

Obrigada.

Servir-se do supereu sem lhe obedecer

Jefferson Nascimento
NPJ da EBP/AMP
Participante da Comissão de Acolhimento e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

"O analista encontra um aliado no supereu."[6] A formulação de Lacan, em 1975, provocou um *frisson* desde as preparatórias das Jornadas. Como tomar por aliado aquilo que tantas vezes opera como algoz? Marucio[7] oferece uma preciosa orientação: o supereu não está fora da linguagem, mas é um de seus efeitos, articulado a um gozo que insiste como exigência. Importa interrogar sua incidência clínica, não lhe atribuir existência autônoma.

Lacan chega a esse paradoxo ao interrogar a regra fundamental. Retomando Freud, situa o princípio do prazer como tendência a poupar esforços, enquanto a regra convoca o analisante a falar daquilo que preferiria calar: seu sintoma. É aí que o supereu, imperativo de gozo, pode aparecer como aliado. Mas como se servir de algo dessa exigência sem reproduzir, no tratamento, a lógica de submissão que se pretende interrogar?

Em *Clínica del superyó*, Miller[8] retoma o paradoxo freudiano: a renúncia pulsional, pode não ter o efeito de apaziguar o supereu, pode torná-lo mais severo. Interdição e exortação compõem a coerção inconsciente. Não bastaria, portanto, recomendar ao analisante que abandone seus deveres, pois a renúncia poderia alimentar a própria exigência. A aposta é fazer dessa exigência uma questão para o sujeito.

Retomo o fragmento clínico que apresentei nas simultâneas. "Não ser como o pai" é a ordem sob a qual A. hesita diante de posições de autoridade. Convidado por um grupo a coordenar uma atividade, angustia-se: coordenar equivaleria a ser autoritário. Na sessão, o analista recolhe que o convite partira do grupo e distingue coordenar de mandar. A. decide aceitar a função e depois entrega ao analista um produto dessa atividade. Presente, prova de realização, pedido de reconhecimento? O gesto encontra-se em aberto na transferência.

A intervenção não lhe impõe outro ideal, como "seja um líder". Introduz uma separação ali onde o dever fazia equivaler ocupar um lugar e repetir o pai. É aí que se pode situar um uso do supereu na análise: não obedecer ao imperativo nem combatê-lo com outro mandamento, mas fazer da própria exigência uma questão de trabalho.

6 LACAN, J. "Sur le plaisir et la règle fondamentale" (1975). *Lettres de l'École freudienne de Paris*, n. 24, 1978, p. 23.
7 MARUCIO, V. "... entrar no tema". *Boletim Tu Deves...*, n. 1, XIV Jornadas da EBP-SP, 2026, p. 6-7.
8 MILLER, J.-A. "Clínica del superyó". In: *Recorrido de Lacan: ocho conferencias*. Buenos Aires: Manantial, 1986, p. 139-140.

Na clínica das neuroses, esperar a autorização do Outro pode manter o desejo suspenso e o ato adiado. Em A., agir sem a garantia prévia de não se tornar o pai é uma possibilidade que se esboça, não uma conquista demonstrada. Talvez esse seja o bem-feito que se pode extrair do supereu: que sua exigência, ao entrar no trabalho analítico, perca algo do poder de determinar as ações do sujeito.

Supereu e o neofascismo

Luisa Fromer
NPJ da EBP/AMP
Participante da Comissão de Divulgação das XIV Jornadas da EBP-SP

O convite para a escrita das ressonâncias das Jornadas veio antes mesmo que elas acontecessem. Vivi, então, as Jornadas sob esse prazeroso imperativo: escreva! Esses dias, marcados por extrema tensão política, não me deram outra escapatória senão escrever desde essa entranha. É numa escrita produzida no depois que uma história se inscreve. Dessa vez, escapamos do fascismo enquanto projeto político, embora seus restos ainda estejam por aí, como ideias.

Não por acaso, em meio a esses acontecimentos, algumas palavras da transmissão de Koretzky insistiram. Ao abordar o supereu, destacou seu caráter insensato, sua dimensão tirânica. Há aí um paradoxo que resiste à síntese: o supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição. Sua exigência não encontra na obediência um ponto de basta, tampouco se reduz à função ordenadora da lei simbólica.

O que a voz do supereu nos ordena no século XXI? Se antes a proibição do objeto ocupava um lugar central, hoje a força imperativa parece se sobrepor à interdição. Menos proibição, mais mandato. O gozo do supereu encontra seu parceiro no discurso capitalista. O direito à felicidade torna-se obrigação: é preciso viver intensamente, realizar-se, não sucumbir ao tédio ou à decepção. O esgotamento e o retraimento da libido aparecem como efeitos dessa exigência. O sujeito torna-se objeto dos imperativos do supereu.

Com a perda das referências tradicionais, coloca-se a questão de uma bússola. Se o pai da tradição instaurava um destino, que semblante virá ocupar esse lugar? Koretzky recuperou a expressão de Lacan, "ordem de ferro", para interrogar o que pode surgir dessa desorientação. Mas há um paradoxo que me inquieta: por que, numa época em que se multiplicam as possibilidades de gozo, a promessa de uma ordem autoritária adquire tamanha força?

Essa questão ganha outra dimensão diante das transformações da palavra. Nunca tivemos tantas possibilidades de falar, denunciar injustiças e fazer circular nossas vozes. Por outro lado, o que acontece quando dizer tudo parece incluir a pretensão de não responder pelo que se diz? A fala desencarnada, o anonimato e a ausência de amarras colocam em questão a responsabilidade pelo dizer.

Nos últimos anos, vimos a liberdade de expressão ser reivindicada para justificar manifestações de violência. O direito de dizer, por vezes, confunde-se com a autorização para ofender, humilhar e segregar. Interessa interrogar a satisfação em jogo no próprio ato de dizê-las. Como compreender que a exigência de uma ordem moral conviva com a satisfação em transgredi-la?

Nos discursos da extrema direita, a promessa de restabelecer a lei convive com a celebração daqueles que a desafiam. A transgressão torna-se demonstração de força, e a crueldade, uma forma de fazer laço. Em *Impasses do supereu*, Jacques-Alain Miller, ao retomar Freud, nos adverte de que, por trás da exigência moral do supereu, encontra-se uma "vontade de gozo desenfreada". Não se trata apenas da identificação a um líder ou a seus ideais, mas de interrogar a satisfação que cada sujeito encontra nessa adesão. O que se autoriza quando, em nome da ordem, a violência da palavra é celebrada como liberdade? O paradoxo do supereu, lei e destruição da lei, ganha aqui uma ressonância inquietante.

Uma das maneiras pelas quais pudemos frear o fascismo foi justamente retomar a palavra, frear as big techs, hoje grandes ordenadoras do alcance das palavras. Mas retomar a palavra em terras do Vale do Silício não parece ser o mesmo que falar da palavra à qual nos referimos na psicanálise. Como nos disse Koretzky, é preciso suar, suar até que essa palavra deixe de apenas circular e volte a implicar aquele que a enuncia.

Em nossa vitória, contamos também com um Exército cheio de imperativos: urgente, curte, compartilha, comenta! Nós, psicanalistas, que lemos *Psicologia das massas*, de Freud, e suas massas artificiais da Igreja e do Exército, arrepiamos nossos cabelos, mas fomos. Esse significante curioso, Exército, foi importado pelo mundo na tentativa de frear o fascismo. A ver o que será feito disso.

Mas, sem dúvida, esse Exército contou com Eros, com aquilo que faz ligação e pode oferecer um freio à ferocidade do supereu. E, por fim, para conter a palavra que segrega, nos juntamos entre velhos e jovens, pois a causa é sempre jovem.

Bibliografia:

MILLER, Jacques-Alain. Impasses del superyó. In: MILLER, Jacques-Alain. Los divinos detalles. Texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Buenos Aires: Paidós, 2010. p. 227-250.

RESSONÂNCIAS

Quando as Jornadas encontram a cidade: o êxito do fracasso



Desenho: Luisa Fromer

Ana Sofia Guerra
Participante da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP

As XIV Jornadas da EBP-SP, "Bem-feito, supereu!" ocorreram em um tempo e espaço singulares: No tempo de um "entre": após o primeiro turno das eleições e na iminência do segundo, momento preciso da história política de nosso país. E na avenida que viria a acolher um dos maiores atos em defesa da democracia brasileira. Ali, nos encontrávamos diante de certo fracasso das tentativas de fazer frente ao avanço das ideologias de matriz de extrema-direita. E, sabemos, esses movimentos de empuxo à destruição não são sem a dimensão do supereu.

Às voltas com as Jornadas e com a relação entre o supereu e a política, uma passagem do curso "O Banquete dos analistas"[1] se mostrou oportuna. No capítulo "Clínica e Política", Miller retoma a formulação de Clausewitz, de que a guerra é a política por outros meios. Ao elaborar a "política do analista", indica que a invenção lacaniana do passe "é uma tentativa de saber (...) qual é a nova relação com o supereu?"[2]. Miller observa que parece que não chegamos a sabê-lo, e acrescenta: "precisamente nesse ponto, em vez de fazer o que é preciso fazer, isto é, clínica, faz-se política. No mau sentido da palavra! Como se diz, politica-

1 Miller, J.-A. El banquete de los analistas. Buenos Aires: Paidós.
2 Ibid. p.37. Tradução nossa.

gem"[3]. Essa passagem permite situar que, diante do supereu, é preciso construir um saber orientado pela clínica. Quando a política substitui essa elaboração, corre-se o risco de alimentar aquilo a que se pretende fazer frente, podendo levar ao pior.

Nessas Jornadas, testemunhamos essa tentativa viva e pulsante de construção de um saber. Uma construção intimamente vinculada à clínica, que, como indicou Maria do Carmo D. Batista, era o coração dessas Jornadas. Entre pares e trabalhadores decididos em direção à Escola, foi possível recolher algo do que nos cabe quanto à política diante do supereu: à psicanálise, cabe a ética. Cabe consentir com a desarmonia estrutural do corpo falante, cujo gozo comporta um excesso para todo falasser, de modo singular, como indicou Patrícia Badari em plenária. E é preciso que algo do gozo ceda para que, inclusive, os significantes das identificações possam aparecer, como nos transmitiu Paola Salinas.

Não se trata, portanto, de domesticar, doutrinar, ou tentar apagar o supereu, pois essas exigências são também o seu alimento. Para o mal-estar, não há Solução Final (*Endlösung*) pois isso alinha-se aos modos de extermínio. A política da psicanálise é a política do sinthoma. Das invenções singulares a partir de Um dizer diante do impossível. Se, como afirma Miller, a psicanálise é uma prática "em que o mais bem-sucedido é o ato falho"[4], nela, que o fracasso possa ter seu êxito. Talvez aí esteja o tom chistoso do bem-feito do supereu. Dar dignidade ao fracasso para ir além.

No encontro entre as ressonâncias dessas Jornadas e a cidade, um feliz acaso: a contingência de um refreamento ao totalitarismo, ainda que pontual. Todavia, como indicou Carolina Koretzky, em se tratando de supereu, a construção de um saber alegre é fruto de um "trabalho sério, subterrâneo e ousado". Que sigamos!

3 Ibid.
4 Ibid. p.30.

Supereu e gozo feminino: o que *pulsa* nessa articulação?

Carolline Rangel
Participante da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP

Uma pesquisa sobre a relação entre o supereu e o gozo feminino encontrou nas Jornadas da Seção São Paulo *"Bem-feito, Supereu!"*, realizadas em 16 e 17 de outubro de 2026, importantes articulações para a continuidade dos estudos.

A investigação sobre as manifestações do gozo feminino conduziu à leitura de sua dupla face: se, por um lado, esta modalidade de gozo pode apresentar efeitos devastadores, por outro, comporta uma dimensão vivificante[5], experiência que não se apresenta necessariamente a todas[6] e que pode surpreender os sujeitos quando ocorre[7]. Dessa verificação, inaugurou-se uma questão: o que contribui para que o ilimitado do gozo feminino se apresente em sua vertente mortífera? O supereu emergiu nesse ponto como possível pista, e a investigação se deslocou, assim, para a natureza dessa aproximação: de que modo se estabelece a relação entre o supereu e o gozo feminino? Nas Jornadas da Seção São Paulo, algumas possibilidades relacionadas à tal ponto investigativo emergiram.

Na plenária *Paixões tristes*, Cristiana Gallo (EBP/AMP), em seu trabalho *"O sentimento de culpa"*, retomou Laurent e Miller para destacar, em contraposição à concepção freudiana de um possível supereu feminino menos severo, a superegoização da pulsão na mulher, cujo modo particular de operação seria o masoquismo pulsional. Seu trabalho trouxe também a leitura de Laurent sobre *O aturdito*[8], de Lacan, marcando a aproximação entre o supereu feminino e o desmedido, ao apontar uma exigência de satisfação que não encontra no Outro uma resposta última.

Já na plenária *Odiar, odiar-se*, Fabíola Ramon (EBP/AMP), em sua apresentação *"Redes de ódio"*, retomou a aproximação estabelecida por Lacan entre o supereu e o gozo feminino, destacando não se tratar de uma equivalência, mas de uma articulação pela via da pulsão e do além do princípio do prazer. A partir de Miller, recuperou a formulação segundo a qual o problema do supereu feminino constitui uma máscara do

5 MILLER, Jacques-Alain. *O ser e o Um*. Curso de orientação lacaniana (2010-2011), aula de 2 de março de 2011. Tradução de Vera Avellar Ribeiro, p. 46 (inédito); BROUSSE, Marie-Hélène. *Modo de gozar en femenino*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2021, p. 55, 59-60.

6 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 100.

7 BROUSSE, Marie-Hélène. *Modo de gozar en femenino*. Buenos Aires: Navarin-Grama Ediciones, 2021, p. 59.

8 LAURENT, Éric. *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 121. Ver também: LACAN, Jacques. O aturdito (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 448-497.

problema essencial do gozo feminino[9], cuja modalidade de satisfação não se deixa inteiramente circunscrever pela lei fálica. Trouxe também a elaboração de Durand[10], que propõe o supereu como um nome do gozo não-todo, destacando a afinidade entre eles.

Tais contribuições permitiram extrair um elemento destacado em ambas as apresentações: a *pulsão*. A investigação, agora, pretende caminhar pela via pulsional, a partir da superegoização da pulsão e de sua relação com o além do princípio do prazer.

Após as Jornadas, animada por suas ressonâncias, encontrou-se uma formulação de Miller[11]: *"O supereu é uma forma que a pulsão assume."* Como efeito, abre-se uma nova perspectiva para investigar a relação entre o gozo não-todo, a incidência do supereu e a dimensão pulsional: de que modo a superegoização da pulsão participa da articulação entre o supereu e o gozo feminino, e quais efeitos pode produzir nas manifestações desse gozo?

9 MILLER, Jacques-Alain. Clínica del superyó. In: *Recorrido de Lacan: ocho conferencias*. Buenos Aires: Manantial, 1986, p. 146.

10 DURAND, Isabelle. El superyó, femenino: las afinidades entre el superyó y el goce femenino. *NODVS*, n. XXV, jul. 2008. Disponível em: https://scb-icf.net/nodus/contingut/article.php?art=292&pub=1&rev=39

11 MILLER, Jacques-Alain. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Em colaboração com Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 83.

Um respiro

Clara Ottoni
Participante da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP

Em tempos marcados pelo individualismo de massa, pela proclamação da meritocracia e pelo discurso do "se você quer, você consegue, basta querer e se esforçar", multiplicam-se os imperativos que alimentam a voz áfona do supereu: *Goza!* O riso, o humor e a ironia poderiam, então, produzir um respiro diante do caráter insensato de suas exigências.

Entre as muitas questões que ressoaram das XVI Jornadas, uma delas insiste para mim. Na mesa simultânea clínica, apresentei uma intervenção dirigida a uma analisante: *"Se você acha que não consegue passar no concurso, tudo bem, pode desistir"*.

Na discussão, surgiu a questão de como distinguir essa intervenção de uma posição de benevolência que visa desangustiar o sujeito, por vezes de maneira barata. Como não confundir a possibilidade de produzir um respiro com um "está tudo bem", que poderia reconduzir o sujeito à demanda de amor e, portanto, ao fantasma?

Maria Josefina Fuentes, em sua intervenção, apontou uma direção entre a benevolência e a tirania. Enquanto os pós-freudianos buscavam atuar como um supereu menos severo e punitivo que os pais, promovendo uma adaptação à realidade, a orientação lacaniana segue outra via: reenviar o sujeito aos seus ditos, sem encarnar a posição superegóica diante do chamado da voz de sereia: *"Seja meu Outro"*[12].

Carolina Koretzky, por sua vez, destacou que não se trata de reconduzir ao sentido, mas de restituir o valor de contingência a uma frase que se solidificou. O que pode aliviar a força do supereu é um saber por vir, um deslocamento do saber imposto ao saber suposto.

Por essa via, penso que, embora o respiro possa indicar uma direção diante da tirania do supereu, não é o analista quem o produz por imposição. Tampouco se trata de oferecer ao sujeito uma autorização para desistir, descansar ou simplesmente não corresponder às exigências que o atormentam. O respiro, se acontece, é efeito de um trabalho que implica o desejo de saber do analisante. E, para isso, como nos lembrou Koretzky, é preciso suar um pouco.

12 LAURENT, E. A psicanálise e a escolha das mulheres. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2012, p.133.

Trata-se de fazer surgir os significantes-mestres que antes comandavam o sujeito e que, ao serem enunciados, podem perder a consistência de um destino inexorável[13]. Reenviar o sujeito aos seus ditos, localizar a voz anônima que comanda e abrir um lugar para a enunciação, de modo que os enunciados possam perder algo de sua força imperativa.

Servir-se do supereu, nessa perspectiva, não seria torná-lo mais benevolente, mas trabalhar com suas verdades sedimentadas, suas injunções e suas exigências. Fazer passar pela palavra algo, ainda que ínfimo, do indizível.

Assim, servir-se do supereu implica a instalação do dispositivo analítico, no qual um sujeito possa advir e enunciar os significantes que comandam sua existência, fazendo vacilar, um a um, seu caráter de verdade absoluta, à qual tenta se aferrar. Ao introduzir na análise um lugar de dizer, os ditos das injunções superegóicas podem inconsistir, indemonstrar e refutar[14].

Afinal, não há respiro sem que os ditos sejam reenviados à satisfação que concerne a cada sujeito.

13 FUENTES, J. O Supereu e a posição do analista.

14 LAURENT, E. A psicanálise e a escolha das mulheres. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2012, p.133.

Manifestações contemporâneas do supereu

Jacqueline Lorena Rico

As Jornadas intituladas “Bem-feito, Supereu!”, da EBP São Paulo, continuam a ressoar. “Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização”[15], assinala Jacques-Alain Miller. Tomarei como orientação a pergunta que Carolina Koretzky nos coloca: “O Supereu implica uma lei insensata. Será que essa ordem de ferro poderia ser uma das formas contemporâneas do Supereu na era da inexistência do Pai?”[16]

Freud afirma que, no primeiro momento da constituição do Supereu encontra-se a identificação ao pai. Em um segundo momento, o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo e, portanto, instância de proibição.[17] Lacan, no entanto, concebe o Supereu como um “imperativo de gozo”[18] que comanda o sujeito a gozar.

Atravessamos a época da inexistência do Outro, em que o declínio generalizado do pai se constata na queda das referências simbólicas, da autoridade e do respeito.[19] A emergência do discurso capitalista, aliado ao discurso da ciência, produz o esvaziamento do Outro como lugar do ideal. Em lugar do laço social, constata-se a elevação do objeto *a* ao zênite social, junto com o desaparecimento da vergonha.[20]

Compartilho um pequeno flash clínico: um paciente de quarenta anos, diz sofrer por ter se separado de sua “quinta” mulher. Queixa-se de ter tido cinco relacionamentos com mulheres e percebe que algo lhe concerne. No entanto, quando a analista tenta localizar o que aconteceu no momento da ruptura com essa mulher, o paciente responde: “Eu estava no meu melhor momento. Tinha um carro, sucesso econômico e tinha comprado o meu primeiro apartamento”. Ele responde a partir da lógica fálica e imerso no discurso capitalista. Os objetos de consumo produzem satisfação imediata. Mais uma vez, reconhecemos a ordem de ferro na época atual.

15 Miller, J. A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica” (1998-1999 ed). Bs.AS.. : Paidos.2003.

16 KORETZKY, C. Du nouage par le social. In: Gourmandise du surmoi. Mental - Revue Internationale de psychanalyse. N. 50, novembre 2024, p. 70.

17 FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [ano]. (Obras completas, v. 16).

18 LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982, p.11

19 MILLER, J.-A. El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de: Éric Laurent. Op. cit., p. 438

20 MILLER, J.-A. Nota sobre a vergonha. In: Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Nr 38, novem bro de 2003, p. 18

Contudo, quando a voz do Supereu ordena gozar no mundo atual, o analista, como *partenaire* da civilização, é convocado a abrir um tempo de compreender.[21] Diante da pressa de concluir, o analista buscará privilegiar a pausa necessária para que o sujeito possa advir.

21 Sotelo I. Datus. Dispositivo analítico para el tratamento de las urgências subjetivas. Grama Ediciones. Buenos Aires. 2015

Uma psicanálise cor-de-vazio

Layla Thamm
Participante da Comissão de Infraestrutura das XIV Jornadas da EBP-SP

Difícil, senão impossível, separar as ressonâncias das Jornadas *Bem-feito, supereu!* com as ressonâncias do contexto político da época em que foram realizadas: véspera de eleições presidenciais em um contexto de avanço fascista. Qual o lugar do psicanalista frente à ameaça à democracia?

Em tempos de evaporação do pai, proliferam respostas que pretendem restituir uma ordem tanto no campo da sexuação quanto no da política, que não são disjuntos.

Ao lado do aumento de feminicídios, proliferam movimentos como *red pill* e machosfera, que reivindicam a última palavra sobre a diferença sexual. Luiz Fernando Carrijo da Cunha, em *Feminicídio*, situa essa contemporaneidade: o Nome-do-pai foracluído retorna sob a forma de uma ordem de ferro. O feminicídio pode ser lido como uma resposta a essa ordem de ferro, tendo na eliminação radical da alteridade um apelo fracassado a uma significação fálica que não mais existe.

Lacan contrapõe as respostas universalizantes a um impossível: a coloração sexual é "cor-de-vazio, suspensa na luz de uma hiância" (Escritos, p. 865). Não há significante no inconsciente que represente o que é ser homem ou mulher. O feminino, assim, aponta ao que escapa à universalização, à impossibilidade de fazer existir um saber todo. A psicanálise aproxima-se do feminino sustentando esse vazio que as respostas totalizantes tentam tamponar.

A lógica do não-todo também permite aproximar a psicanálise da democracia. No último *Zadig*, Jésus Santiago (2026) analisa a cooptação do falasser pelo discurso fascista, partindo do princípio de que toda pulsão é pulsão de morte. As adições são paradigmáticas da sintomatologia contemporânea: o discurso capitalista, com sua oferta de objetos de troca sem promover laço com o outro, leva a um curto-circuito pulsional. O supereu vocifera: "goze!". O fascismo encontra nesse curto-circuito uma via de captura, oferecendo consistência e um saber total que tampona a falta-a-ser. Em contraste, a democracia sustenta um lugar vazio, aberto à diferença e ao real contingencial, àquilo que permanece rebelde ao saber pronto sobre si. Para Fabíola Ramon em *Redes de ódio*, a psicanálise pode reenviar a máscara feminina do supereu, em sua infinitização de gozo, ao feminino, não-todo, denunciando os semblantes que tentam dar consistência ao Outro.

Uma psicanálise à altura da subjetividade de sua época não pode se abster da dimensão política. Segundo Brousse (2018), os analistas devem se engajar e tomar partido no laço social para que a prática da

psicanálise seja possível, o que só ocorre numa democracia. Sustentar um lugar vazio não significa abster-se de uma posição. Trata-se de saber-fazer com os semblantes sem se confundir com eles.

Os corpos trajados de vermelho que circulavam nos salões durante as Jornadas mostram que a psicanálise não está alheia à política: ela se faz nela e só se torna possível por meio dela. E por isso, para que a psicanálise preserve sua cor-de-vazio, os psicanalistas hoje precisam pintar-se de vermelho.

Referências:

BROUSSE, Marie-Hélène. O inconsciente é a política. 2. ed. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p 25-43.

CUNHA, Luiz Fernando Carrijo da. Feminicídio. Apresentação de trabalho nas XIV Jornadas da EBP-SP: Bem-feito, supereu!, São Paulo, 16-17 out. 2026. Trabalho não publicado.

LACAN, Jacques. Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista (1964). In: LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 865-868.

RAMON, Fabíola. Redes de ódio. Apresentação de trabalho nas XIV Jornadas da EBP-SP: Bem-feito, supereu!, São Paulo, 16-17 out. 2026. Trabalho não publicado.

SANTIAGO, Jésus. O psicanalista face a linguagem de destruição neorreacionária. In: FÓRUM FLASH ZADIG: Linguagens da destruição: ameaça à democracia, 2026, São Paulo. Correio Express, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 20 (Extra), 24 out. 2026. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2026/10/24/o-psicanalista-face-a-linguagem-de-destruicao-neorreacionaria/. Acesso em: 13 nov. 2026.

"Aprisionados" no supereu

Maria Bernadette Soares de Sant´Ana Pitteri (EBP/AMP)
Membro EBP/AMP

A mesa simultânea "APRISIONADOS" contou com os ensaios de Rosa Maria Rodrigues dos Santos-Reis, Maria Júlia Swenson Meireles Vieira e Priscila Tavares. Os textos, ilustrativos o bastante em relação ao tema, contemplaram casos de sujeitos aprisionados – oportunidade de ensino e aprendizado sobre a natureza feroz e obscena do supereu.

Em Psicanálise, o conceito de supereu implica o questionamento do bem enquanto valor positivo, tendo em vista que o sujeito desmente (o que é incompreensível para ele mesmo) esta busca do bem, proposto como axioma por boa parte dos filósofos, axioma do qual não conseguem se desembaraçar.

Introduzindo em psicanálise uma ética que não é a do bem, Lacan dedica um seminário à Ética da Psicanálise [22] que, diferente das demais teorizações sobre ética e moral, leva em conta o supereu e a questão do gozo.

O paradoxo se escancara: o sujeito está preso a algo que não lhe faz bem, algo que não colabora com seu bem-estar, sendo o supereu incluído na série junto à pulsão de morte e o masoquismo primordial.

Lacan dota o supereu com uma carga de gozo, enquanto este constitui um bem para o sujeito, um bem apartado de seu bem-estar certamente, e que se traduz no mal-estar de que fala Freud.

Freud teoriza de início que o supereu surge a partir da dissolução do complexo de Édipo, através da internalização das figuras parentais, da moral e da cultura, atuando como juiz severo que atua vigilante e punitivo. Em Freud, o supereu atua pela interdição, limita a satisfação pulsional, exige renúncia e moralidade: quanto mais virtuoso e obediente o sujeito é, mais severa, exigente e punitiva a consciência moral se torna.

"Atribuímos ao Supereu a função da consciência (moral) e vimos, na consciência de culpa, a expressão de uma tensão entre o Eu e o Supereu" [23].

22 Lacan, J. O Seminário – livro 7: *A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

23 Freud, S. *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924). In: volume 16 das Obras Completas de S.F. São Paulo: Cia das Letras, 2011. p.196.

Para Lacan, o supereu opera como um comando tirânico e obsceno: o imperativo "Goza!". Não proibe o gozo; exige-o de forma insaciável, transformando a imposição de gozar em sofrimento – o empuxo ao gozo. Ele afirma no Seminário 20:

> "Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo – Goza!"[24].

A relação entre humor e supereu é o ponto central e surpreendente no ensaio *O Humor* (1927) de Freud [25], momento em que ele subverte a imagem tradicional do supereu, apresentando-o sob a ótica inédita de protetor, afetuoso e consolador, afirmando que o supereu, disfarçado de humor, de algum modo, quer dizer:

> "Olhe aqui: este é o mundo que parece tão perigoso. Não passa de um jogo de crianças, bom apenas para fazer uma piada!" [26].

Considerando com Freud o humor como um "dom raro e precioso", ficou uma questão para as participantes da mesa e também para os assistentes: possibilidade de fazer uso do humor, considerando a direção do tratamento, no sentido de suavizar a face obscena, feroz e severa do supereu?

24 Lacan, J. O Seminário – livro 20: *Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 11.
25 Freud, S. *O Humor*. In: Vol. 17 das Obras Completas de S.F. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
26 Freud, S. Idem. Ibidem, p. 330.

Maria de Lourdes Mattos
Membro EBP/AMP

As XIV Jornadas da EBP-SP, "Bem-feito, supereu!", ocorreram num momento particular da nossa história, que antecedeu a última eleição nacional. A angústia era grande, dado o risco que corria a nossa democracia. A extrema direita, com um projeto miliciano fascista, reaparecia perigosamente. A excelência das Jornadas, cujas plenárias e mesas de trabalho, consideraram, de algum modo, o grave momento político, contribui para "dosar a angústia", pelo menos a minha!

Escolho para este breve comentário as conferências de nossa convidada Carolina Koretzty. O modo como apresentou o supereu, muito bem articulado enquanto noção clínica e política, me remeteu ao enunciado de Lacan, "o inconsciente é a política"[27].

No primeiro dia, ela situou o conceito do ponto de vista teórico e clínico, fundamentada nas referências de Freud e Lacan, indicando que na segunda conferência iria trabalhar como o supereu se manifesta clinicamente diante do mal estar atual da cultura.

Da primeira conferência destaco:

O supereu se situa no plano simbólico da palavra, à diferença do eu, é um imperativo insensato, que aprova a lei para em seguida destruí-la. Está na linguagem, mas fora do discurso, dado sua anterioridade ao complexo de Édipo, estando ligado ao id, ao pulsional. É uma instância cega, repetitiva, atravessada pelo inconsciente, o inconsciente mais do lado do real.

Citando Miller, Koretzty refere que o supereu é o contraponto do Nome-do-Pai, o que domina não é a proibição, mas o imperativo de gozo, aproximando-o da clínica da pulsão de morte.

Sobre o título das Jornadas, que sugere um paradoxo, onde o "bem-feito, supereu", pode estar do lado do bem, nossa convidada traz algumas contribuições esclarecedoras. Em referência a Miller, considera que no início do tratamento o supereu se apresenta como um S1, um enunciado que se impõe ao sujeito. Ao longo da experiência, irá se apresentar como um S2, um saber suposto.

Lacan, em um texto de 1975, refere que o analista encontra um aliado no supereu, sendo a regra fundamental oposta ao princípio do prazer e que aquele que procura uma análise precisa suar para alcançar o singular do seu sintoma.

Na segunda conferência, Koretzty situa nosso tempo como marcado pela fragmentação, pela multiplicidade de discursos contraditórios e opostos. Reafirma o supereu enquanto noção clínica fortemente política, representado no século atual pela exigência de intensidade.

Ela apresenta alguns exemplos que ilustram essa voz insensata, entre eles, um artigo de jornal comentando que os estudantes de cinema não conseguiam assistir um filme até o fim, interrompiam a ati-

27 LACAN, J. O Seminário, Livro 14: A lógica do fantasma. R.J.: Zahar, 2024, p. 267.

vidade para consultar seus smartphones, trazendo consequências para a escrita dos roteiros. Para compensar esse déficit de atenção a Netflix mudou a forma de fazer um filme de ação, colocando uma cena impactante logo no início.

Koretzty questiona se a explosão dos diagnósticos de TDAH não seria um sintoma relacionado a indivíduos super adaptados ao discurso da intensidade e fragmentação. Conclui afirmando que esse discurso estimula no sujeito o sentimento de si e da responsabilidade individual pela felicidade levando-o ao esgotamento.

O humor fez ressoar

Maria Julia Swenson
Coordenadora da Comissão de Divulgação das XIV Jornadas da EBP-SP

As ressonâncias, de certo, serão muitas e poderei nomear — quem sabe um dia — algumas delas. São meses de preparação para umas Jornadas acontecerem. Durante esse tempo, muito lemos e estudamos. Podemos nos preparar de diversas formas e, mesmo assim, a surpresa do vivo do trabalho aparece. E aí está a surpresa da ressonância da qual posso falar: daquela que fez ressoar em mim a partir da minha prática. Foi quando, ao apresentar um caso, me foi colocada uma questão: "Jogar com o humor seria uma forma de suavizar a face severa do supereu?".

Foi na mesa *Aprisionados* que o humor fez ressoar em mim algo do supereu. A surpresa se deu quando escuto a pergunta feita pela coordenadora e debatedora da mesa, Maria Bernadette S. Pitteri, e algo novo sobre o tema se apresenta para mim. Embora eu não houvesse levado a discussão por esse caminho — tendo apresentado uma passagem estritamente como um constrangimento —, foi a escuta de Bernadette que fez ressoar o cômico ali presente. Como lembra Jacques-Alain Miller[28], evocando a leitura freudiana, **"o humor é a vertente cômica do supereu"**.

E a surpresa se confirma quando retomo o texto de abertura das Jornadas, escrito pela coordenadora Camila Popadiuk, em que o humor já estava lá, assim como em outras mesas em que a articulação do humor com o supereu foi feita.

A ressonância é efeito daquilo do que se apresenta como surpresa, de algo que já estava lá.

28 MILLER, Jacques-Alain. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. (Trabalho original publicado em 1988). p. 190.

Associação livre e vergonha: contradição ou convergência?

Renan Chamorro

Nas XIV Jornadas surgiram dois pontos que me intrigaram, um deles apareceu na fala de Carolina Koretzky, na qual a convidada abordou, tal como Adriana de Campos em "O supereu aliado do analista"[29], a importância do analista aliar-se a essa instância psíquica afim de incitar no analisante a associação livre. O outro ponto surgiu no texto "O desaparecimento da vergonha" de Camila Colás, no qual foi abordada a idéia de Lacan da importância de "colocar um pouco de vergonha no tempero".[30]Situados estes dois elementos surgiu a questão: Haveria uma contradição entre incitar no analisante a associação livre e a colocação da vergonha?

Quanto à associação livre, Freud em "O início do tratamento"[31], a define como a orientação de que o analisante "diga tudo o que lhe passa pela mente"[32], sem se importar com o fio da meada de sua narrativa.[33]A razão teórica pela qual Freud elabora o conceito de associação livre pode ser lida na "interpretação dos sonhos"[34], uma vez que abandonando as representações com meta conscientes, o domínio sobre o curso das representações é assumido pelas representações com meta ocultas, sendo as "associações superficiais" apenas substitutas por deslocamento, das associações mais profundas e reprimidas.[35]Ainda nesse sentido, Miller diz em "o osso de uma análise"[36] que a injunção da regra analítica, de nada dissimular do que vem à mente, ou em outros termos, a liberdade dada ao analisante em sua fala, leva à a repetição do mesmo.[37] Segundo o autor, esta repetição tem relação com a chamada operação-redução, sendo impor-

29 CAMPOS, A. Le surmoi, un allié de l´analyste. La cause du désir, n. 118, p. 43-48, 2024.

30 LACAN, J. *O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise* [1969-1970]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 174.

31 FREUD, S. "O início do tratamento". Obras Completas. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 10, 2010, p. 136.

32 *Idem*, p. 136

33 *Idem*, p. 136

34 FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos: volumes I e II. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 559.

35 *Idem*, p. 559

36 MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise: + O inconsciente e o corpo falante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

37 *Idem*, p. 46

tante o analista "saber operar essa redução proposicional".[38] Neste sentido, esta redução teria relação com alcançar um enunciado de convergência que seria o significante mestre do destino do sujeito.[39]

Com relação à vergonha, em "Nota sobre a vergonha"[40], Miller diz que esta atravessa a vontade do sujeito para se instalar em seu mais íntimo"[41], sendo um afeto primário que diferente da culpa, tem relação com "um Outro primordial que não julga, apenas vê ou dá a ver.[42]O autor esclarece nesse texto que a vergonha também teria a ver com a representação do sujeito por um significante que valha, sendo que "provocar vergonha é um esforço para restituir o significante-meste".[43]

Feitas estas considerações, é possível, ao meu ver, elaborar uma resposta sobre a relação entre a associação livre e a colocação da vergonha, afinal é preciso conceder liberdade de associações à fala do analisante para que, constatando a repetição, o analista possa operar uma redução aos significante-mestres do sujeito. Contudo, questões permanecem: reduzir a fala do analisante ao significante mestre é o mesmo que restitui-lo? Em caso afirmativo, porque mesmo já havendo a idéia desde o seminário 11[44] que o essencal da interpretação é que o sujeito veja a qual significante não senso ele está assujeitado[45], Lacan decidiu revisitá-la no seminário 17? Em caso negativo, qual a diferença entre reduzir a fala ao significante-mestre e restituí-lo?

38 *Idem*, p. 48

39 *Idem*, p. 50

40 MILLER, Jacques-Alain. Nota sobre a vergonha. Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 38, p. 8-16, nov. 2003.

41 *Idem*, p. 9

42 *Idem*, p. 9

43 *Idem*, p. 16

44 LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de M. D. Magno. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

45 *Idem*, p. 237

Supereu: dois pontos clínicos

Silvia Sato
Membro EBP/AMP
Participante da Comissão de Orientação das XIV Jornadas da EBP-SP

Destaco como ressonância, dois pontos clínicos e algumas questões.

O primeiro considera o lugar privilegiado do objeto voz enquanto suporte da articulação significante ao se falar em Supereu. Vindo no lugar do Outro, quais os efeitos da mudança no estatuto do objeto?

Paola Salinas ao mostrar seus manejos e os efeitos da presença do analista como anteparo e como instrumento pelo humor e silêncio, dá lugar ao vazio do objeto através do que a analisanda extrai uma voz alucinada do Outro. Como efeito o falasser interpreta que está em crise. Ponto que conversa com o caso trazido por Fabíola Ramon ao falar sobre a devastação e o objeto nada. Sua intervenção faz um corte ao interpretar que "abrir mão de seu voto é dizer não", tendo como cálculo separar o sujeito do sintoma do gozo mortífero.

O segundo ponto sobre o Ódio e o Feminino, destaco da Plenária III. Ficou claro que não há uma equivalência entre supereu e o feminino, mas essa aproximação nos permite elaborar o que faz barreira à infinitização do gozo e o circuito perpétuo do supereu.

Ao falar das *Redes de ódio*, Fabíola tende a pensar que "A feminização da civilização potencializa estruturalmente o funcionamento do supereu" e cita Laurent[46] ao dizer que o psicanalista é aquele que "pode reenviar o supereu feminino à verdadeira lógica da posição feminina, a saber: denunciar os semblantes que visam a toda consistência do Outro".

Luiz Fernando aponta que "o surgimento do termo "*Feminicídio*" como um crime de gênero, vem à luz quando os discursos se esvaziam do feminino deixando transparecer a evanescência dos semblantes." O que atrelado a um discurso, se esvaziado do feminino, "só pode estar alinhado ao DM no que ele se apresenta como um indicador de um modo de gozo".

Assim ao dizer "Nunca foi tão importante falar sobre o Feminicídio" parti do princípio de que a negação do feminicídio no discurso neoliberal, se atrela ao fracasso da Lei simbólica presente no funcionamento do supereu onde a função do "nomear para" com disse Luiz, restitui uma ordem que é de ferro, uma lei imperativa.

46 Laurent, E. : A psicanálise e as escolhas das mulheres, Ed. Scriptum, MG, 2012.

Por fim, seguindo a conversa com os apontamentos de Mirmila Musse, podemos dizer que o universal conservador, ao sustentar uma virilidade à força pelo ato feminicida e a impossibilidade da troca simbólica na devastação, que coloca uma filha "diante de um Outro real interpretado como Outro do gozo"[47], apontam para o real da não relação sexual? Real diante do qual as defesas do gozo singular desse falasser, podem se localizar na parceria sintomática, quando se deprecia, se "dit-fama"[48] uma mulher, na tentativa de eliminar o feminino. Seria esse gozo, também chamado de gozo opaco do sintoma o que se odeia em si mesmo?

47 Brousse, M-H. : uma dificuldade na análise das mulheres, in Ornicar, ...

48 A expressão "dit-femme" (dita-mulher) foi cunhada por Lacan no Seminário, Livro 20: Mais, ainda (Encore, 1972–1973). "on la dit-femme, on la diffâme" ("nós a dizemos-mulher, nós a difamamos").

... conhecer a diretoria e as comissões organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)
Eliane Costa Dias
Heloísa Prado da Silva Telles
Marilsa Basso
Niraldo de Oliveira Santos
Patrícia Bichara
Rômulo Ferreira da Silva
Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)
Ana Stela Sande Segue
Clara Ottoni
Fábio Saad
Felipe Bier
Helena Daquanno Testi
Luisa Fromer
Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
Francisco Lemes
Renata Alves Fornaciari
Renata Duarte
Janaína de Paula Costa Veríssimo
Bianca Wierman
Katia Ribeiro Nadeau
Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
Alan Seabra
Fernanda Gelesko
Layla Thamm
Leandro Verzignassi Nunes
Lilian Beiguelman
Maíra Tumbiolo Tosi
Priscila Tavares Viviani
Renata Perche
Ruth Galvão de Barros
Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
Eduardo Vallejos da Rocha
Gabriela Ponte Rodrigues
Izabel Abreu
João Paulo Desconci
Luciana Ernanny Legey
Perpétua Medrado Gonçalves
Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
Clarissa Carvalho
Emmanuel Nunes de Melo
Francisco Durante
Gustavo Menezes
Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Patricia Badari
Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
Camila Morelli
Camilla Baratto
Caroline Silva
Flaviana Pires Oliveira
Lorrany Corrêa
Natália Cassim
Rosangela Turim
Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
Eduardo Caliendo Marchesan
Jefferson Nascimento
Helena Andrade
Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
Teresinha Prado
Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
Ana Maria Almeida Guerra
Ana Sofia Guerra
Carolline Rangel
Cynthia Gindro
Edgley Duarte de Lima
James Valeriano
Milena Vicari Crastelo